

***A FESTA QUE NÃO TERMINA:
BEZERRA DO SAX, SUA HISTÓRIA, SUA OBRA, SEU TEMPO***

***THE PARTY THAT DOESN'T END:
BEZERRA DO SAX, HIS STORY, HIS WORK, HIS TIME***

Luiz Eduardo Pinheiro Sarmiento¹

OBRA RESENHADA:

BANDEIRA, Carmen Lucia B.; SILVA, Rogério Bezerra da; Movimento Cultural Boca do Lixo; Biblioteca Multicultural Nascedouro (Org). **Era uma vez Bezerra do Sax**. Olinda: bocadolixo edições, 2019.

227

Existem histórias que não terminam: elas tornam-se possibilidades, abrem janelas, portas e portais que nos permitem interagir, imaginar e criar novos mundos. Fazem-nos desviar – e deslizar – por um tempo da duração, sustentado pelo desenrolar da experiência, onde a vida social ganha sentido e significado. Com efeito, essas histórias, e estórias, pedem passagem, extrapolando e transbordando o tempo objetivo (Cronos – cronológico). São, muito mais, do tempo subjetivo, ou seja, das vivências, das intensidades, dos devires, dos fluxos temporais dissimétricos e coexistentes.

No entanto, elas não estão esvaziadas de sentido histórico. Ao contrário, alternando entre o mundo concreto e o imaginário, fabricam, juntamente com a memória, a ancestralidade e a oralidade, acontecimentos. Elas juntam, assim, história e sentido, transformam vida em

¹ Antropólogo, pesquisador e gestor cultural. Atualmente realiza estágio pós-doutoral no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco (PPGA/DAM/UFPE). É pesquisador-associado do Laboratório de Estudos Avançado em Cultura Contemporânea – LEC e do Observatório de Museus e Patrimônios – Observamus (DAM/PPGA/UFPE). e-mail: eduardopsarmiento@gmail.com

biografia. Enredam narrativas que reivindicam, entretanto, um deslocamento do pensamento, gestando o conhecimento noutra esfera: o da práxis e o da imaginação. Assim, elas ocorrem no horizonte de uma multiplicidade contínua que não para de se dividir, dobrar-se e atualizar-se.

A história de José Bezerra da Silva Júnior, tornado o Bezerra do Sax, é uma dessas histórias que não terminam. Não haveria de terminar. Ela é uma matéria que se torna expressiva, a partir de uma multiplicidade de afecções, composta por atravessamentos, intensidades e composições que operam novos mapas de conhecimento. Uma história que continua em movimento, na medida em que nada é, tudo se torna. Tudo é devir, nome e verbo, se constituindo a partir da afetabilidade matricial, um movimento de auto-alteração sem início e fim. É puro ato de transformar-se e tornar-se continuamente.

Atento e articulado a esta compreensão, o livro intitulado “Era uma Vez Bezerra do Sax”, organizado por Carminha Bandeira (Carmem Lúcia B. Bandeira) e Rogério Bezerra da Silva, foi lançado em 2019, pela bocadolixo edições, como parte das comemorações do centenário de Bezerra do Sax, nos faz chegar, como uma festa, um livro-memória, um livro-testemunho ou, ainda, um livro-celebração.

Trata-se, portanto, de um registro fundamental, um empreendimento biográfico-narrativo, em que a cultura é memória, transmissão e recepção, movência e invariâncias, performance. Representa uma espécie de pergaminho identitário ou, conforme aponta Dulce Critelli (2013), funciona como uma “historiobiografia” nos convidando a decifrar a história narrada e ouvir a “história em surdina”, a construir, consciente ou inconscientemente, o fio da existência. É, igualmente, um ancoradouro de memória afetiva, fundamental para a percepção do que fomos e de quem somos, garantindo, desse modo, a perspectiva do futuro.

Especificamente, neste livro, é o fio da tradição que conduz o menino-homem-artista pelos labirintos das infinitas possibilidades do fazer cultural. Ao reconhecer, portanto, o itinerário de Bezerra do Sax, a publicação termina por iluminar a relação inseparável entre identidade cultural e a memória, demonstrando como reforçam-se mutuamente, produzindo um imaginário histórico-cultural. O encadeamento dos fatos ocorre no ritmo da história pessoal, sentida, sofrida e, sobretudo, vivida. Possibilita, assim, apreendermos um longo caminho da

construção social, capaz de tornar o artesão da carpintaria num mestre da música popular. Uma maestria, inclusive, auferida pela legitimação comunitária, que invoca saberes carismáticos, saberes comunicacionais, saberes criativos, saberes técnicos e saberes educacionais, fazendo germinar tradições culturais comprometidas com a vida, com a transformação.

Por esse viés, é fácil reconhecer o Bezerra do Sax como um verdadeiro empreendedor da memória, sendo a sua própria trajetória reveladora de atos culturais, saberes, práticas, conhecimentos e técnicas. Ela é, portanto, manifestadora de processos de criação artística que estão apoiados na utilização de práticas e matrizes tradicionais: nas formas de aprendizado, na relação com os discípulos e suas plateias, na utilização sistemática de conhecimentos, saberes e técnicas tradicionais, na aglutinação em torno de núcleos familiares, no afloramento de arquétipos e do imaginário coletivo, na exigência de disciplina e, principalmente, na imersão na vida da comunidade.

Esta compreensão, que articula a memória, a oralidade, a tradição e a cultura, nos permite, abrir, como possibilidade analítica, um campo de possibilidade expressivas, no sentido plano textual, e, ao mesmo tempo, no plano dos conteúdos, ao reconhecer “o delinear da esfera subjetiva da experiência imaginável: não tanto o que acontece materialmente com as pessoas, mas o que as pessoas sabem ou imaginam que possa suceder” (PORTELLI, 1996, p. 70).

Para organizar, sistematizar e demonstrar isto, ou seja, afirmando a relevância e o protagonismo do músico, compositor e criador, o trabalho nos convida, orquestrando uma visão do saber – fazer – ser, a caminhar a partir de algumas trilhas e caminhos.

A primeira parte, ou caminho, permite, inicialmente, localizar a publicação dentro de um contexto mais ampliado de ações, o da comemoração do centenário, incentivado por meio do Prêmio Culturas Populares: Edição Selma do Coco, patrocinado pelo Ministério da Cultura / Secretaria da Cidadania e da Diversidade Cultural, no ano de 2018. Representa um acontecimento que visa “homenagear e reverenciar, em memória, o músico e compositor José Bezerra da Silva Júnior – Bezerra do Sax – contando sua história e compartilhando seu legado com a sociedade pernambucana, a partir da comunidade de Peixinhos onde ele morou durante mais de cinco décadas de sua existência” (BANDEIRA; SILVA, 2019, p. 9).

Na verdade, com a sua carreira longa, de dedicação à música, às festas e às brincadeiras populares, especificamente vivida dos treze aos noventa e três anos, a ação de Bezerra do Sax no mundo é capaz de presentear o leitor com uma experiência que demonstra o quanto as manifestações populares são expressões complexas resultantes de um longo processo de maturação cultural. Aqui, cabe destacar, de maneira especial, sua dedicação à ciranda, ao frevo, aos pastoris, compondo, com outros artistas, folgazões e mestres, a paisagem de carnavais, dos festejos juninos e natalinos. As bandas de música, também, guardam um capítulo especial. Foi na “Banda Saboeira”, organização centenária da cidade de Goiana, Pernambuco, que o ainda menino Bezerra, aos treze anos, encontrou o gosto pela música, fazendo dela sua missão e profissão. Em continuidade, em Olinda, passou a fazer parte da formação da “Banda Henrique Dias” e no Recife foi integrante da “Banda do Liceu de Artes e Ofícios”. Engajou-se, igualmente, diversas orquestras de agremiações de frevo: “Bobos em folia”, “Formiga Sabe que Roça Come”, “Pão Duro”, “Pavão Dourado”, “Bola de Ouro”, “Os Gazeteiros”, “Flor da Lira”, “Vassourinhas”, “Elefante” e “Pitombeira dos Quatro Cantos”.

Neste movimento, constrói, no âmbito dos bairros periféricos, seus verdadeiros palco da vida, fazendo-os “lugares de memória” ou “espaços vividos” que valoriza o espaço local, suas vivências e experiências coletivas. É como se a cidade ganhasse contornos específicos, uma fisionomia própria, povoada por atributos reais e imaginários que permeiam desejos e medos, sonhos e realidades, o verossímil e o sobrenatural (TUAN, 1980). Projeta, assim, por meio de seu saber e fazer artístico-criativo, uma história repleta de cumplicidade, significações, afetividade e pertencimento. Pelas noites, como nos faz lembrar a publicação, Bezerra do Sax participava, por exemplo, de apresentações “do pastoril profano do Velho Dengoso (parceiro Zé Cirandeiro na Ciranda Luar de Prata, falecido em 2018) na comunidade de Peixinhos, Canal do Arruda, Chão de Estrelas, Campina do Barreto, Água Fria entre outras da Região Metropolitana do Recife. Além da Ciranda Luar de Prata – criada por ele - e do Pastoril do Velho Dengoso, “Bezerra tocou ainda no Mamulengo e outras brincadeiras animadas pelo multiartista José Justino da Silva (Zé Cirandeiro), durante as décadas de 1980 a 2000” (BANDEIRA; SILVA, 2019. p. 31). Participou, também, das gafieiras dos clubes tradicionais do Recife e Olinda, e integrou, por trinta anos, o conjunto de Lia de Itamaracá, executando seu sax.

Cabe ressaltar, ainda na primeira parte do livro, o lugar central que a família assume da tessitura de sua história, evidenciando, sobremaneira, o quanto as brincadeiras populares são bens de família. No caso de Bezerra do Sax, essa história começa sob influência do seu irmão, o Tenente Cláudio Bezerra, militar e mestre de bandas da polícia, tocando saxofone alto e tenor, e que acabou influenciando e despertando o interesse da família para a linguagem musical. Morando em diversas cidades, acompanhando as bandas militares, Cláudio terminou arrogando a função de arranjador e mestre de bandas, tendo estudado com maestros como Felinho e Capitão Zuzinha. Por esta influência, Bezerra do Sax conseguiu tornar-se músico profissional, tendo iniciado com o clarinete, mas, já aos cinquenta anos, tendo passado para o saxofone, sua paixão. Essa tradição, inclusive, continuou e, hoje, a família de Bezerra do Sax dá continuidade ao legado, aos saberes musicais e populares, fazendo-nos perceber uma das principais características da cultura popular: sua reelaboração constante, ou seja, o processo em que o herdado é, simultaneamente, transformado, pelo próprio ato de receber e significar que se dá singularmente a cada etapa da transmissão.

A segunda parte do livro, seguindo a caminhada, dedica-se, por sua vez, a contextualizar a iniciativa, de comemoração do centenário, dentro de uma proposta político-pedagógica mais ampliada que nasce, inclusive, no ambiente da Biblioteca Multicultural Nascedouro – BMN, espaço onde antes era um matadouro de animais e que, atualmente, assume a luta pela transformação do ambiente em Nascedouro da Cultura Popular.

A instituição, que é coordenada por um dos netos de Bezerra do Sax, Rogério Bezerra, torna-se, nesse sentido, uma espécie de território privilegiado destinado à articulação de memórias afetivas, de identidades e das práticas pedagógicas. Significa, desse modo, um lugar de reencontro que faz refletir, pensar, redescobrir, lembrar, esquecer e representar a vida, constituindo-se como um espaço material, simbólico e funcional, ao mesmo tempo, em que a memória é constantemente elaborada, reelaborada e interpretada. Ou seja, é um espaço formativo que tenciona e reconstrói a experiência educativa. Permite, por consequência, o afloramento de vivências em comunidade, porém, não como uma volta a um passado longínquo e nostálgico, mas, muito mais, de uma reconstrução criativa das possibilidades de se viver e se

relacionar com o mundo, com base em outros princípios e valores, pautados por uma dimensão mais solidária e humanizante.

Por esse ângulo, o livro nos brinda com vários exemplos: o reencontro, promovido pela equipe de mediadores de leitura desta biblioteca, com a história do “Boi Menino de Peixinhos”, a partir do livro de Zuleide de Paula, em que os mais velhos “afirmam terem conhecido e brincado com o Boi Zebu de cor branca, que escapou de morrer porque chorou diante do homem que deveria abatê-lo e assim conseguiu comovê-lo e ser salvo. Como era um boi muito manso que gostava de brincar com as crianças passou a ser conhecido no bairro pelo nome de Boi Menino”. (BANDEIRA; SILVA, 2019. p. 48). Essa história, inclusive, deu origem a várias propostas de mediação de leitura articuladas com outras linguagens, envolvendo diversos atores. Também, nesse horizonte, houve a reconstituição da história de Caetano Alves, poeta, livreiro, artesão e um dos incentivadores da criação da BMN. A pesquisa sobre a história de Caetano Alves (falecido em 2000), por exemplo, “conseguiu identificar algumas peças de artesanato criadas pelo artista, incluindo uma estante de madeira em miniatura com livrinhos de pensamentos, confeccionados com caixa de fósforos; além de cenário com materiais recicláveis montados dentro de garrafas”. (BANDEIRA; SILVA, 2019, p. 49). A atividade articulou, igualmente, crianças e educadores da comunidade, em inúmeras produções textuais e plásticas, como práticas de letramento. Nos fez perceber, por esse ponto de vista, a importância da multimodalidade ou das possibilidades de letramentos (SOARES, 2004; STOKES, 2002), abrangendo outras modalidades comunicativas em que o verbal e o visual se unem para criar sentido (BUZZATO, 2007) a partir de imagens, cores, sons, movimentos e gestos, interferindo nas relações de interação e aprendizagem dos indivíduos.

Assim, estes exemplos de mediação de leituras, com base na oralidade e na cultural local, demonstram o quanto as dimensões sociais, mas principalmente afetivas, da memória são evidentes e podem se tornar artefatos educativos, gerando conversações, investigações e descobertas. Eles permitem, desse modo, construir novos mapas mentais e novas cartografias afetivas, baseadas na escala do afeto, da marcha do vivido, do “lugar praticado”. Neles, os conteúdos, por assim dizer, são ativados a partir dos percursos do território do humano, das

histórias de vidas, dos conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano. E, como nos faz lembrar Ecléa Bosi (2003), “uma história de vida não é feita para ser arquivada ou guardada numa gaveta como coisa, mas existe para transformar a cidade onde ela floresceu” (BOSI, 2003, p. 69). E, nesse sentido, “só uma história de vida põe em evidência o modo como cada pessoa mobiliza os seus conhecimentos, os seus valores, as suas energias, para ir dando forma à sua identidade, num diálogo com seus contextos” (MOITA, 1995, p.116).

Nesse conjunto de circunstâncias, o sentido de com-memorar o centenário de Bezerra do Sax ganhou, entre apresentações e contação de histórias, outros contornos. A partir do percurso existencial do mestre-artista, de suas relações interpessoais, foi possível reconectar os percursos dos próprios moradores, com suas características peculiares, com suas marcas, seus sinais, seus vazios, seus silêncios, suas ruínas e seus monumentos, seus bens e patrimônios, suas pequenas e grandes histórias. Como uma ferramenta de imersão no mundo vivido, de construção de um espaço comum e de autovalorização, emergiu novo um dispositivo capaz de gerar uma reflexão, num exercício retrospectivo, sobre fatos e acontecimentos, mas, sobretudo, de encontrar, na perspectiva deleuziana, a “zona de vizinhança” ou de “co-presença”.

Expandiu-se, portanto, as possibilidades epistemológicas e metodológicas relacionadas às trajetórias pessoais, às narrativas biográficas e às práticas pedagógicas. Como afirma Maria da Conceição Moita (1995), numa história de vida podem identificar-se as continuidades e as rupturas, as coincidências no tempo e no espaço, as ‘transferências’ de preocupações e de interesses, os quadros de referências presentes nos vários aspectos do cotidiano (MOITA, 1995, p.116-117). No percurso de vida de Bezerra do Sax cruzam-se, do pessoal ao profissional, experiências, aprendizagens e relatos que, como tão bem fez o próprio Bezerra, enchem-nos de festa, trazendo-nos a possibilidade de experimentar a potência de expressão e atualização. Elas, ainda, permitem, como observamos no livro, a ampliação da complexidade em torno deste processo de formação que, inclusive, transcende espaços formais. Na verdade, alargam a abrangência dos fenômenos educativos.

Por fim, como uma escrita de um memorial, que envolve acontecimentos individuais e coletivos, Bezerra do Sax permaneceu, até os 90 anos, com seu saxofone acompanhando os

carnavais, as procissões, as jornadas de pastoril, queimas de lapinha, quadrilhas juninas e rodas de ciranda. Escreveu, assim, uma história com seu próprio corpo, carregando, esperanças, dúvidas, avanços e retrocessos, alegrias e tristezas, conhecimentos tradicionais e técnicas. Ele, em si, era um corpo-patrimônio. Ele traz, desse modo, em sua trajetória o exemplo de um conhecimento “encorpado” ou, dito de outra maneira, um conhecimento fundado num processo de “incorporação” da memória e dos saberes, assumindo-se, assim, enquanto sujeito “estesiológico” (MERLEAU-PONTY, 2004), um sujeito patrimônio. Bezerra do Sax figurava, desta maneira, um movimento próprio em construção, rizomático, articulado a outra modalidade de temporalidade, chamada por Bergson (2006) de duração e simultaneidade. Sua história e, conseqüentemente, sua obra e legado, oferecem-nos, hoje, uma oportunidade de apreender sobre um tempo marcado por “saltos, acelerações, rupturas e diminuições de velocidades” (GUALANDI, 2003, p. 71). O tempo de Bezerra do Sax coexiste, ainda, com o atual, é duração e simultaneidade. É uma festa que não termina porque está na ordem da temporalidade de “Aion”. Há ainda presenças, efeitos e ressonâncias. Ele continua presente. Sua história e obra ainda são documentos vivos.

REFERÊNCIAS

- BANDEIRA, Carmen Lucia B.; SILVA, Rogério Bezerra da; Movimento Cultural Boca do Lixo; Biblioteca Multicultural Nascedouro (Org). **Era uma vez Bezerra do Sax**. Olinda: bocadolixo edições, 2019.
- BERGSON, Henri. **Duração e simultaneidade**. Martins e Fontes: São Paulo, 2006.
- BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- BUZATO, M. E. K. Inclusão digital como invenção do cotidiano: um estudo de caso. **Revista Brasileira de Educação**, v.13, n.18, p. 325-342, 2008.
- CRITELLI, Dulce. **História pessoal e sentido da vida**. 1ª Edição. São Paulo: EDUC – Editora da PUC-SP, 2013.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol. 1**. São Paulo: Ed. 34, 1995.

- GUALANDI, Alberto. **Deleuze**. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Conversas**. Trad. Fábio Landa; Eva Landa. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- MOITA, M. da C. Percursos de formação e de trans-formação. NÓVOA, A. (Org.). **Vidas de professores**. 2. ed. Porto: Porto Editora, 1995, p. 111-140.
- PORTELLI, Alessandro. A filosofia e os fatos. **Revista Tempo**, vol. 1, nº 2, 1996.
- SOARES, MAGDA. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro: n. 25, p. 5-17, 2004.
- STOKES, S. Visual literacy in teaching and learning: A literature perspective. **Electronic Journal for the Integration of Technology in Education**, v.1, n.1, 2002.
- TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1980.

Submetido: 11/05/2022
Aprovado: 07/09/2022

235
